



O Audiovisual como Documento Histórico: Registro da Memória do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso¹

Valteniza Damiano BORGES²

Ramachandra Das dos Santos BRANCO³

Marlene GONÇALVES⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O estudo proposto tem como objetivo retratar a memória do antigo Departamento de Educação e seu curso de Pedagogia e do atual Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, através do registro e análise de depoimentos em entrevista dos sujeitos que compõem ou compuseram este espaço. Para tanto o uso da ferramenta audiovisual se mostrou indispensável, apresentamos aqui suas funcionalidades e aplicabilidade no trato da memória. O recurso audiovisual permite traçar um panorama da trajetória do referido instituto nos servindo também como documento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: memória histórica; documento; audiovisual; entrevista.

INTRODUÇÃO

Para apresentar como o audiovisual colabora com este estudo, primeiramente vamos conhecer o Projeto de Pesquisa Memória Histórica do Instituto de Educação⁵. Este tem como objetivo organizar o arquivo do mencionado Instituto e fazer fulgurar a sua memória histórica envolvendo tanto o antigo Departamento de Educação e seu curso de Pedagogia (1968), um dos primeiros cursos da Universidade Federal de Mato Grosso, quanto o Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação e a

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

² Estudante de Graduação 3º ano do Curso de Pedagogia da UFMT, bolsista de Iniciação Científica/CNPq. Email: valteniza@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV da UFMT, bolsista de Iniciação Científica/CNPq. Email: ramachandra02@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Pedagogia do IE-UFMT e Coordenadora do Projeto de Pesquisa Memória Histórica do Instituto de Educação. Email: gochatram@uol.com.br.

⁵ Registro: 080/CAP 2010-2012.



reforma administrativa (1992) que resultou na criação do atual Instituto de Educação com três Departamentos: Ensino e Organização Escolar, Psicologia e Teoria e Fundamentos da Educação. A proposta do referido projeto de pesquisa surgiu então de observação da necessidade de trazer à luz a memória subterrânea⁶ do antigo curso de Pedagogia. Para tanto, apenas a pesquisa nos arquivos do Instituto de Educação não se mostrou suficiente, visto que os documentos da universidade são incinerados a cada cinco anos, a alternativa foi buscar na fonte oral, as lembranças dos sujeitos que construíram esta história.

A memória é objeto de estudo tradicionalmente de interesse dos historiadores, porém, é um fenômeno cultural que se apresenta através da comunicação. Daí a importância de seu registro através dos métodos e técnicas que melhor absorvam o conteúdo transmitido. É onde entra o uso da ferramenta audiovisual como veremos mais adiante.

O objetivo do projeto é fazer fulgurar a Memória Histórica do Instituto de Educação. Para isto utilizamos duas fontes para coleta de dados: como fonte complementar os documentos oficiais da Universidade Feral de Mato Grosso e documentos dos entrevistados; e como fonte principal a fonte oral, o registro em audiovisual da memória dos sujeitos em sua relação com o Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso entre os anos 1968 a 2010. Sendo dez ex-alunos(as) que cursaram o antigo curso de Pedagogia de 1968 e que atuaram como professor(a) do curso; e dez ex-alunos(as) que cursaram Pedagogia nas décadas de 1980, 1990 e 2000 e que atuaram ou atuam como professor(a) do curso ou que mantém vínculo com a universidade. Totalizando quarenta entrevistados.

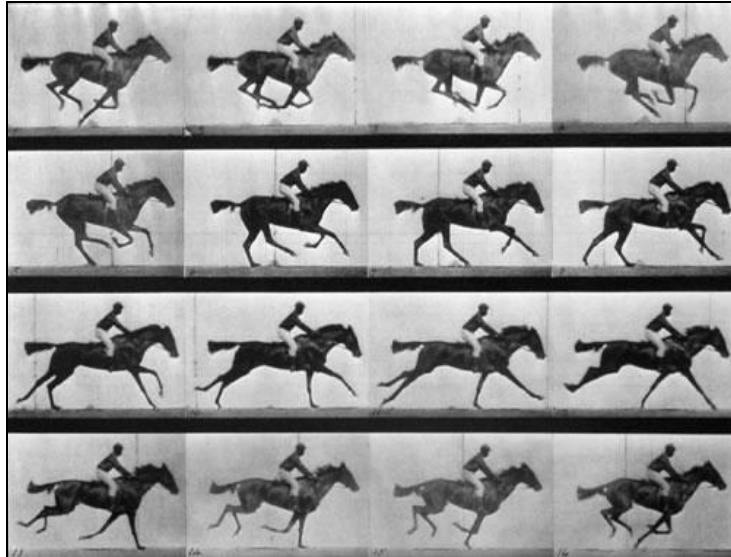
Para a realização das entrevistas, optamos por utilizar a técnica de entrevista semi-estruturada. Direcionada por um roteiro, com a maior parte das questões abertas e flexibilidade para se acrescentar questões que os pesquisadores julgarem necessárias para o estudo. As questões estão direcionadas para que o entrevistado exponha suas lembranças no antigo curso de Pedagogia ou atual Instituto de Educação, como dados que marcam a entrada e saída, transformações do curso e instituto, participação em eventos do curso, bem como os demais momentos e pessoas que marcaram suas histórias.

⁶ Essa expressão é utilizada por Michael Pollak (1989, p.4).



BREVE HISTÓRICO DO USO DAS IMAGENS ANIMADAS EM PESQUISAS

Segundo Reyna (1997, p.1) desde a origem das imagens animadas⁷ elas são utilizadas como ferramentas de pesquisa para fenômenos culturais.



Fotos: *Le galop de dayse* por Eadweard Muybridge (1878)

Temos como exemplo o experimento do fotógrafo inglês Eadweard Muybridge que demonstrou em 1878, através do uso de fotografias, que as quatro patas de um cavalo galopando ficavam suspensas no ar ao mesmo tempo. Então podemos entender que o próprio cinema surge de um questionamento que só poderia ser esclarecido com o recurso do registro visual. “Inquestionavelmente colocou-se a base fundamental do uso do filme na pesquisa científica. Esse estudo foi o primeiro reconhecimento científico sobre detalhes efêmeros do movimento que não são facilmente capturados a olho nu” (REYNA, 1997, p.1).

No ano de 1882, Étienne-Jules Marley melhorou o aparelho de Muybridge, o fazendo fotografar doze vezes por segundo. E posteriormente, com as contribuições de Tomas Edison, Auguste e Louis Lumière inventaram o cinematógrafo. Assim o desenvolvimento do cinema permitiu a utilização dos registros visuais em diversas áreas de conhecimento desde o final do século XIX até os dias atuais. Destaque para os registros antropológicos que foram precursores do uso das imagens em movimento como ferramenta de pesquisa nos fenômenos culturais.

⁷ Imagens animadas ou em movimento, filme e vídeo aqui podem ser entendidos como sinônimos, visto que as diferenças técnicas não interferem no estudo.



Edward T. Hall no verão de 1968 (...) registrou três diferentes tipos de famílias: uma anglo, uma tewa (índia) e uma espanhola, todos desfrutando de um passeio em uma feira de uma cidade ao norte de New México. À primeira vista o filme parece conter cenas de comportamento habitual, mas ao projetá-lo em câmara lenta e quadro a quadro, revela detalhes e contrasta estilos não verbais de cada família, sincronismo e aspereza dos movimentos e comunicações entre pessoas de diferentes práticas sociais. Nesta experiência, a utilidade do filme constitui-se numa prática ideal tanto no registro quanto na análise visual e/ou estudo do comportamento, da comunicação humana, e dos processos de análises culturais. (REYNA, 1997, p.3).

Adentramos aqui nas qualidades do recurso visual como prática ideal para registro e análise visual, mas antes vamos levantar algumas questões técnicas relevantes para um melhor aproveitamento desta ferramenta.

A FERRAMENTA AUDIOVISUAL

“A utilização simultânea de áudio e de vídeo por meio de filmagens em pesquisas qualitativas constitui escolha metodológica, no sentido de apreender o fenômeno complexo em que os discursos e as imagens são suas partes inerentes” (PINHEIRO, KAKEHASHI e ANGELO, 2005, p.720)

Com os avanços tecnológicos outros elementos foram adicionados ao recurso visual: as cores, o áudio, as formas de captação e armazenamento, etc., possibilitando o uso do audiovisual como uma ferramenta quando aplicado a pesquisa. Para utilizarmos o audiovisual enquanto ferramenta de coleta de dados e estudo dos fenômenos culturais é preciso conhecer seus recursos e limitações. Começaremos então pelas questões técnicas. São dois os métodos mais comuns do uso do vídeo em pesquisas: método de observação, a exemplo da antropologia visual, dos estudos médicos e psicológicos entre outros, que usam da observação para análise do comportamento do objeto de estudo; e método de entrevista, mais interessado na comunicação, geralmente aplicado com realização de entrevista que instigue o sujeito a apresentar os dados a serem analisados. Orientamos nosso estudo para o método de entrevista, o qual utilizaremos de base para as demais colocações.

Para a realização da entrevista é necessário preparar o ambiente o adequando para a gravação. É bom que uma pessoa fique responsável apenas para a gravação, pois esta função exige atenção direcionada. Uma boa recomendação é que todos cheguem ao local com cerca de dez minutos de antecedência, neste tempo o entrevistador fala sobre o assunto do estudo para o entrevistado e o tranquiliza para a entrevista através do diálogo. É o tempo necessário para o manipulador da câmera de vídeo observar o local



para definir a disposição dos objetos e pessoas, escolher o melhor ângulo e iluminação e deixar o equipamento preparado. Em entrevista o uso do tripé é imprescindível. Outras questões a se observar são: o tempo de gravação que a câmera comporta, para preparar a substituição da fita ou mini-DVD caso seja necessário; e a alimentação de energia, quanto tempo a câmera suporta sem alimentação para gravações externas, quando gravação interna é recomendável que a alimentação de energia fique conectada desde o início da gravação, visto que entrevistas geralmente são longas e podem superar o tempo esperado.

Quando possível, escolher um local silencioso para evitar ruídos no áudio. É preciso observar se a câmera possui entrada para microfone externo, o que pode facilitar o trabalho permitindo gravar em locais com pouco barulho. Quando a câmera não possuir tal recurso, é necessário que o ambiente seja extremamente silencioso, correndo o risco de perda de material caso haja alto do nível de ruído. Quanto ao tamanho do local, basta que ele permita um ângulo de gravação agradável no sentido visual. Geralmente se utiliza *plano médio*, enquadrando o entrevistado da cintura para cima, centralizado na tela. Quando se usa duas câmeras podemos colocar uma em *plano médio* e a segunda em *close*, enquadramento fechado no rosto, para que se registre com mais precisão os momentos em que o entrevistado demonstre estado de emoção. Ou gravar as do entrevistador, o que pode dar uma melhor dinâmica para o vídeo na hora da edição.

Dependendo do assunto tratado é relevante perceber se há necessidade de preservar o anonimato do entrevistado, isso pode ser feito com efeitos de iluminação, com o recurso de *contraluz*, ou na hora da edição através de distorções no áudio e imagem que impeçam o reconhecimento da pessoa filmada. Porém entendemos que na maioria dos casos não há esta necessidade e a imagem pode ser apresentada com o consentimento voluntário do entrevistado através da assinatura do termo de autorização de uso de imagem e entrevista para fins acadêmicos.

Quanto ao trato do material coletado todo cuidado é pouco, pois nos dias atuais é muito fácil perder um arquivo considerando que provavelmente será gravado em arquivo digital. Antes se recomendavam nomear as fitas e copiá-las, hoje temos o CD que risca, pen-drive que para de funcionar, computador que precisa ser formatado. Para evitar qualquer possibilidade de perda do material coletado basta que sejam feitas cópias de segurança. Todo material deve estar reunido em um HD convencional ou externo, duas cópia de arquivo de dados em DVDs, uma para quem for realizar as transcrições e outra



adicional de segurança para ser guardada com o coordenador da pesquisa, evitando assim qualquer transtorno. Para este trabalho optamos por realizar quarenta entrevistas, das quais vinte já foram realizadas, totalizando quatorze horas de gravação.

O trabalho de edição depende das necessidades do projeto, optamos por realizar uma edição básica com a entrevista na íntegra, retirando apenas trechos com problemas técnicos e acrescentando data e identificação do entrevistado, este material é de uso exclusivo do grupo de pesquisa e para que seja entregue uma cópia ao entrevistado. Ao término da pesquisa será feito um vídeo de apresentação dos resultados da pesquisa com trechos selecionados das entrevistas.

Passadas as questões técnicas vamos às vantagens de se utilizar a ferramenta audiovisual na coleta de dados. É indicado o registro audiovisual assim como “o uso gravador na realização de entrevista para que seja ampliado o poder de registro e captação de elementos de comunicação extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação de voz, aprimorando a compreensão da narrativa” (SCHRAIBER, 2005, *apud* BELEI *et al.*, 2008, p.189). No registro audiovisual, além dos elementos de comunicação citados, temos os demais comportamentos não verbais, como as expressões, gestualidade, postura, etc., a exemplo do trabalho de Edward T. Hall quando registrou três diferentes tipos de famílias, ver página 4. Silva (1996, *apud* PINHEIRO, KAKEHASHI e ANGELO, 2005, p.720) ao tratar da comunicação não verbal, da maior precisão a nossa compreensão ao afirmar que “a expressão do pensamento do indivíduo (...) se faz 7% com palavras, 38% com entonação de voz, velocidade da pronúncia, entre outros, e 55% por meio dos sinais do corpo”.

Fazendo um paralelo com a técnica de observação ao vivo, verifica-se que quando se observa algo pela primeira vez, inicialmente são retidos os aspectos mais impressionantes do observado. Se o comportamento não for visto outras vezes, pontos mais detalhados poderão passar despercebidos. (BELEI *et al.*, 2008, p.192).

Esta dificuldade é superada com o recurso audiovisual, permitindo que a entrevista possa ser revista quantas vezes forem necessárias. A cada vez assistida entrevista, novos elementos podem ser observados. Ressalva para a possibilidade de mudanças no olhar do pesquisador, que a cada novo material teórico apreendido passa a ver com outros olhos seu objeto de estudo.

Loizos (2002, *apud* PINHEIRO, KAKEHASHI e ANGELO, 2005, p.718) afirma que “O vídeo (filmagem) é indicado para estudo de ações humanas complexas difíceis de



serem integralmente captadas e descritas por um único observador”. Esta colocação justifica o uso da filmagem nos dois métodos de utilização da ferramenta audiovisual levantados no início do tópico, de observação e de entrevista. No caso do estudo em questão, a memória é a chave para a que os dados históricos se revelem. Assim o uso da ferramenta audiovisual se mostra indispensável no registro e análise da memória, permitindo quantos observadores e observações forem necessárias. Mas nem sempre foi assim, muitos estudos foram realizados sem o uso deste instrumento de coleta de dados, é importante ressaltar que é uma ferramenta complementar, pois não elimina o antigo caderno de campo e as demais técnicas para coleta de dados.

Concordamos que o uso da filmagem permite maior fidedignidade na coleta de dados, minimizando, por exemplo, a questão da seletividade do pesquisador (PINHEIRO, KAKEHASHI e ANGELO, 2005, p.718), porém não podemos pensar que isso torna os dados coletados neutros às interferências do entrevistador. Garrett (1981, *apud* MEDINA, 2000, p.10) trata o ato de entrevistar como a arte de ouvir, perguntar, conversar. Se o entrevistador não tiver estas qualidades não é a ferramenta que resolverá o problema da falta de um *diálogo possível*, como propõe Cremilda de Araújo Medina (2000) em seu livro *Entrevista: O dialogo possível*. Cremilda (2000, p.15) entende que há dois tipos de comunicação coletiva: “entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo”. Para que o uso da ferramenta audiovisual em pesquisa seja eficiente, entendemos ser necessário estabelecer este *diálogo possível*, “o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os participantes do jogo de entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios” (BUBER, 1982, *apud* MEDINA, 2000, p.9). Nesta pesquisa nos propomos a estudar a memória, com o objetivo de traçar um panorama histórico do Instituto de Educação, e o diálogo é a base para este processo, complementado com as vantagens do uso da ferramenta audiovisual.

A MEMÓRIA REGISTRADA

Memória é um arquivo onde depositamos nossas aprendizagens e experiências, e quando há necessidade revisitamos, porém as visitas seguintes são mais elaboradas já que a memória está interligada ao desenvolvimento intelectual, com o propósito de oferecer uma compreensão elaborada para um processo mnemônico. Portanto a memória é algo em permanente processo de transformação, fundindo e confrontando



lembranças das vivências do indivíduo no meio social. Tendo uma peculiaridade intrigante, pois a memória permite a relação do corpo presente com o passado, como acentua Nora (*apud* BOSI, 2003, p. 20), “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”.

Nós últimos anos o estudo da memória vem tendo um aporte nas ciências físicas, biológicas, sociais e na psicologia. Existem nestas áreas de conhecimento os seguintes campos de investigação para o estudo da memória: a memória individual, a memória coletiva e a institucional.

A memória coletiva é nutrida de imagens, sentimentos, idéias e valores que tem por finalidade dar identidade a determinada classe. Porém a memória também sofre alterações, principalmente pela ideologia do sujeito, pois a memória coletiva esta pautada nos acontecimentos marcantes de um povo. Neste sentido,

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2003, p.31).

Podemos dizer que tanto a memória individual quanto a coletiva tem o mesmo alicerce: o grupo social ao qual o sujeito faz parte. Apesar de a memória coletiva receber este nome ela é fundida num grupo limitado, no espaço e no tempo. A memória individual é resultado da convergência de várias influências sociais, portanto a memória coletiva tem grande influência na construção da memória do indivíduo.

Segundo Bosi (2003, p.31) a memória institucional aprisiona as particularidades emocionais, desta forma reduz a capacidade de apresentar diversos aspectos das experiências pessoais, estabelecendo uma mudança temporal no vivido, como se fosse recoberta por uma propoção vazia de tempo. Há, pois, um fenómeno agindo para a perda da naturalidade que fixa e reduz o sentido da memória como algo retido ou suspenso no tempo, quando registrados em documentos os conflitos são apagados, tais registros não captam a atmosfera do grupo, o clima institucional, podendo ser indentificado somente pela relação interpessoal, sendo perceptíveis apenas nos olhares e expressões faciais do sujeito. Daí a necessidade de registrarmos as entrevistas com o recurso audiovisual, pois como já mencionamos, cada vez que assistimos a entrevista



identificamos novos elementos a serem analisados, possibilitando a recuperação da memória.

As imagens, por sua vez captam todos os gestos e também as emoções, notadas pela fisionomia do depoente que as vezes não consegue controlar. Este aspecto transpareceu quando alguns depoentes lembraram o professor que os marcou, ou na indignação com a pouca importância que a UFMT dispensa a história do curso de Pedagogia.

Nas entrevistas ficou nítida a importância do resgate da memória subterrânea do percurso histórico do curso de Pedagogia, quando os entrevistados ao lembrarem sua trajetória no curso, abordaram questões como a estrutura curricular e da infra-estrutura. O Liceu Cuiabano foi o primeiro espaço a alojar o curso, sendo transferido para o Palácio da Instrução e depois para o Centro de Letras e Ciências Humanas-CLCH, atual Instituto de Linguagens-IL da UFMT, passou ainda pelo Centro de Ciências Sociais-CCS, atual Instituto de Ciências Humanas e Sociais-ICHS, ou “esse prédio baixinho” como se refere uma depoente, até que se construísse o prédio do Instituto de Educação, que abriga o curso atualmente. Os depoentes destacaram o crescimento do campus no percurso dos 41 anos da UFMT e dos 43 anos do curso de Pedagogia. O motivo do curso de Pedagogia ser anterior a criação oficial da UFMT, decorre da exigência de que toda instituição de ensino superior só pode ser fundada se contar com três ou mais cursos consolidados ou em andamento.

Fato que mostrou a riqueza e necessidade desta reconstrução histórica, foi o de não encontrarmos documentos oficiais referentes a existência de uma creche dentro da universidade na década de oitenta. Pois os documentos da universidade são incinerados a cada cinco anos. Apenas através da fonte oral que descobrimos a existência da Escola Coringuiinha, um tipo de creche que tinha por finalidade atender os filhos de professores, técnicos e alunos. Foi via depoimento que ficamos sabendo o nome de uma funcionária da época, e ela nos indicou outros funcionários da creche. Posteriormente também conseguimos alguns registros fotográficos que nos foram cedidos pela Coordenação de Comunicação Social da UFMT – ASCOM.

Outro ponto marcante observado nos depoimentos, diz respeito a falta de formação acadêmica, mestrado e doutorado, dos primeiros professores do curso. O que implicava na vinda de professores de outros centros do país para ministrarem aula. Por este motivo as aulas eram concentradas. Talvez seja por isso que todos os entrevistados foram



elegantes, ao ressaltarem que todos fizeram um trabalho de grande importância e têm seu prestígio, não desmerecendo nenhum profissional.

Nos depoimentos coletados é possível perceber que a memória é diferente apesar de muitos terem vivenciado o mesmo acontecimento. Cada indivíduo fez sua própria leitura. Isso explica o fato de alguns depoentes destacarem alguns acontecimentos e não lembrarem de outros, a exemplo das questões referentes a ditadura militar. Porém todos fizeram uma análise do curso chegando a um denominador comum, o curso propiciar ao estudante ampliar seus conhecimentos. Em comum os depoentes, no geral, também se mostraram dispostos e contentes em participarem desta reconstrução histórica, provavelmente se sentiram mais valorizados ao valorizarmos suas histórias a memória do curso de Pedagogia e do Instituto de Educação.

Estas observações foram feitas a partir dos depoimentos registrados até o dia 04 de maio de 2011. São os resultados parciais do Projeto de Pesquisa Memória Histórica do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

CONCLUSÃO

Frente ao descaso com a memória do antigo curso de Pedagogia observa-se a necessidade de uma atenção maior a memória institucional da UFMT como um todo. Partindo dos resultados parciais e descobertas deste estudo, já é possível ver o quanto é positivo e necessário o resgate e preservação e da memória institucional da universidade. Os avanços tecnológicos nos permitem repensar como nos organizar. As colocações levantadas nos apresentam a necessidade da criação de um Departamento de Memória e Documentação da UFMT, onde ficaram os diversos arquivos da universidade de forma digitalizada e armazenados em banco de dados.

Inicialmente vimos como o recurso visual deste sua origem apresenta sua utilidade científica. Com o avanço tecnológico outros elementos foram adicionados ao recurso visual, constituindo o que chamamos de *ferramenta audiovisual*. Esta se mostrou bastante apropriada para reconstituição histórica através do registro da fonte oral, associada a técnica de entrevista e do *diálogo possível*. O audiovisual utilizado no método que denominamos *de entrevista*, nos serve como *documento histórico* de grande valor. Considerando que o século XX foi o século dos avanços tecnológicos, podemos compreender a *ferramenta audiovisual* como o recurso de pesquisa do século XXI.



REFERÊNCIAS

BELEI, R. A.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R., NASCIMENTO, E. N. e MATSUMOTO, P. H. V. R.. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n30/11.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Capítulo 4: A substância social da memória, p. 405-482.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, capítulo II Memória Coletiva e Memória Histórica, p, 53 – 89.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2000.

MOURA, Edgar Peixoto de. **50 anos luz, câmera e ação**. 2ª ed. — São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

MUYBRIDGE, Eadweard. **Le-galop-de-daisy.jpg**. 1878. Largura: 500 pixels. Altura: 380 pixels. 45 KB. Formato JPEG. Esta imagem é de domínio público por ter expirado o correspondente direito de autor que vence passados 70 anos da data de seu falecimento. Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Le-galop-de-daisy.jpg>>. Acesso em: 29 abril de 2011.

PINHEIRO, L. M., KAKEHASHI, T. Y., ANGELO, M.. **O uso de filmagens em pesquisas qualitativas**. Revista Latino Americana de Enfermagem. 2005. p. 717-722. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n5/v13n5a16.pdf> >. Acesso em 27 de abril de 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol.2. nº 5. 1989. p.3-15.

PÔRTO JÚNIOR, Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP : Edusc, 2007.

REYNA, C. P.. **Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/reyna-carlos-video-pesquisa.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, capítulo I, parte II 1. Fase Documental: a Memória Arquivada, p.155 – 188.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Capítulo 7: A Entrevista, p. 254 – 278;